

Entrando em campo: futebol e política nos documentários “Democracia em preto e branco” e “Barba, cabelo e bigode”

Taking the field: football and politics in the documentaries
“Democracia em preto e branco” and “Barba, cabelo e bigode”

Francisco Alves Junior

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira/BA, Brasil
Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas, UFBA
chicoalv@gmail.com

RESUMO: O objetivo deste trabalho é analisar os documentários *Democracia em preto e branco* (2014), de Pedro Asbeg e *Barba, cabelo e bigode* (2016), de Lucio Branco, a fim de perceber como as personagens dos documentários, que são ex-jogadores de futebol, se colocam em cena (Bogado, Alves Junior, Souza, 2020) e produzem dissenso (Rancière, 1996) ao trazerem para o debate público temas que atravessam a vida cotidiana e que se fazem presentes dentro e fora do campo de jogo, como a luta pela democracia, a luta por melhores condições de trabalho, o combate ao racismo e o combate a homofobia. A partir de suas falas, gestos e do uso de seus corpos como expressão de contestação da ordem vigente, como a adoção de barbas e cabelos grandes, as personagens rasuram os lugares comuns destinados aos profissionais do esporte, associados normalmente como sujeitos alheios à vida política do país.

PALAVRAS-CHAVE: Documentário; Futebol; Política.

ABSTRACT: The objective of this work is to analyze the documentaries *Democracia em preto e branco* (2014), by Pedro Asbeg and *Barba, cabelo e bigode* (2016), by Lucio Branco, in order to understand how the characters of the documentaries, who are former players of football, remains on the scene (Bogado, Alves Junior, Souza, 2020) and provoke dissent (Rancière, 1996) by bringing to the public debate themes that cross everyday life and that are present on and off the field game, such as the fight for democracy, the fight for better working conditions, the fight against racism and the fight against homophobia. From their speeches, gestures and the use of their bodies as an expression of contestation of the current order, such as the adoption of beards and long hair, the characters erase the common places destined for sports professionals, normally associated with subjects alien to political life from the country.

KEYWORDS: Documentary; Football; Politics.

INTRODUÇÃO: COLOCANDO A BOLA PARA ROLAR

O futebol é considerado uma das experiências culturais fundamentais para a invenção e a construção da ideia de Brasil.¹ Entendemos que o esporte, por meio da atuação midiática e política de seus praticantes, é capaz de mobilizar pautas fundamentais para a interpretação da sociedade brasileira. As falas e os gestos produzidos pelos jogadores, principalmente aqueles que são considerados celebridades, são capazes de pautar intensos debates nos meios de comunicação. Não são poucas as produções audiovisuais que se dedicam a retratar o futebol e as suas relações com os mais diversos aspectos da realidade do país, como as reportagens exibidas em programas esportivos, como o Esporte Espetacular (TV GLOBO), Show do Esporte (BAND) e Esporte Record (Record TV) e nos programas produzidos em canais por assinatura, a exemplo do Redação Sportv (SPORTV) e do SportsCenter Brasil (ESPN). Além da constante frequência do esporte nas produções jornalísticas, o futebol também é tema de diversas produções do cinema brasileiro e tem sido cada vez mais exibido e consumido em plataformas de *streamings*, Mostras e Festivais de cinema, como no CineFoot.²

A presença do futebol como tema no cinema brasileiro evidencia um desejo dos diretores e das diretoras, e também dos espectadores, de entender como o esporte revela as nossas formas de sociabilidade.³ No campo documental, por exemplo, assim como nas obras que tematizam os mais diversos assuntos, os documentários sobre futebol são construídos de diferentes modos e podem contar com entrevistas, o uso e reuso de arquivo imagéticos e sonoros, narração, ou podem ser realizados em primeira pessoa, como é o caso de *O futebol* (Sergio Oksman, 2015). Outros documentários, como *Santos: 100 de futebol arte* (Lina Chamie, 2012), *Bahêa, minha vida* (Márcio Cavalcante, 2016) e *Lutar, Lutar, Lutar* (Sérgio Borges e Helvécio Marins Jr., 2021), se propõem a recontar e reconstruir a trajetória dos clubes. Há ainda os documentários que se preocupam em retratar a

¹ DAMATTA. Futebol: ópio do povo x drama de justiça social.

² O CineFoot é um festival de cinema que exhibe filmes de ficções e documentários nacionais e internacionais sobre futebol. Sobre o festival: <https://cinefoot.org/>

³ Para saber mais sobre as relações entre o cinema brasileiro e o futebol, ver: ORICCHIO. *Fome de bola: cinema e futebol no Brasil*.

vida das grandes estrelas do futebol, como *Garrincha, alegria do povo* (Joaquim Pedro de Andrade, 1962), *Tostão, a fera de ouro* (Ricardo Gomes Leite, Paulo Laender, 1970), *Isto é Pelé* (Luiz Carlos Barreto e Eduardo Escorel, 1974) e *Ronaldo, o Fenômeno* (Duncan Mcmath, 2022).

Podemos citar, ainda, os documentários que têm como objetivo retratar as conquistas pessoais e coletivas dos jogadores e os momentos históricos dos clubes de futebol ou das seleções nacionais, como *Inacreditável: A Batalha dos Aflitos* (Beto Souza, 2006), *Copa União* (Diogo Dahl e Raphael Vieira, 2012), *O dia do Galo* (Cris Azzi e Luiz Felipe Fernandes, 2014), *Democracia em preto e branco* (Pedro Asbeg, 2014) e *Barba, cabelo e bigode* (Lucio Branco, 2016). Esses dois últimos documentários nos interessam de maneira bastante particular, uma vez que são obras que discutem a realidade do país, especialmente nos tempos atuais, como o debate e a defesa de um mundo mais justo, democrático e plural. Realizados na década de 2010, os dois documentários reposicionam e subvertem os clichês sobre os lugares que os jogadores de futebol ocupam no debate público do país ao atrelar as atuações das personagens à luta pela democracia, produzindo, assim, novas possibilidades de compreensão da importância do esporte na vida política e cultural brasileira.

Democracia em preto e branco tem como intenção apresentar um período particular da história do Corinthians, e de uma série de jogadores, como Sócrates, Wladimir e Casagrande. O filme centra-se na chamada Democracia Corinthiana (1982-1984), implementada e experienciada no clube no começo dos anos de 1980, quando o país ainda vivia sobre a ditadura civil-militar e sonhava com a possibilidade de finalmente poder votar para presidente da República. Já *Barba, cabelo e bigode*, realizado dois anos depois do documentário de Pedro Asbeg,⁴ coloca em campo três ex-jogadores do Botafogo: Afonsinho, Paulo César Caju e Nei Conceição. O documentário dirigido por Lucio Branco não se dedica apenas em traçar uma justaposição entre a história do país e a vida profissional e privada dos protagonistas, mas também em demonstrar como eles, mesmo imersos em um

⁴ Além de *Democracia em preto e branco*, Pedro Asbeg dirigiu outros documentários que têm o futebol como tema central. Entre eles, destacamos: *Unido vencerás* (2002), *O deus da raça* (2003), *Dogão calabresa* (2003), *Unido vencerás 2: Uma história diferente* (2006), *Geraldinos* (2016), a série *O som das torcidas* (2017) e *Carta ao Magrão* (2020).

ambiente autoritário, defendiam suas convicções estéticas e políticas. Não nos parece exagero, portanto, inferir que *Democracia em preto e branco* e *Barba, cabelo e bigode* atuam não apenas como mediadores entre passado e presente, mas também como produções que permitem que as personagens (re)elaborem as suas memórias, a suas experiências e a suas performances.

Em vista disso, o objetivo deste artigo é analisar os documentários *Democracia em preto e branco* e *Barba, cabelo e bigode*, a fim de perceber como os ex-jogadores se colocam em cena⁵ e produzem dissensos⁶ ao trazerem para o debate público questões que atravessam a vida cotidiana e que se fazem presentes dentro e fora do campo de jogo, como a luta pela democracia, por melhores condições de trabalho, o combate ao racismo e o combate à homofobia. A partir de suas falas, de seus gestos e do uso de seus corpos como expressão de contestação da ordem vigente, como a adoção de barbas e cabelos grandes, as personagens, normalmente rotuladas como sujeitos alheios aos problemas presentes na sociedade brasileira, rasuram os lugares comuns destinados aos profissionais do esporte.

A DEMOCRACIA EM PRETO E BRANCO: A EXPERIÊNCIA CORINTIANA REVISTA 30 ANOS DEPOIS

Em *Democracia em preto e branco*, Pedro Asbeg entrelaça a curta experiência da gestão democrática do Sport Club Corinthians Paulista, conhecida como Democracia Corinthiana, à vida política brasileira. Não é à toa que os primeiros minutos do documentário são dedicados a situar e a explicar aos espectadores as consequências da ditadura civil-militar no país – como a existência das torturas, a censura institucionalizada e a falta de liberdade. Nessa espécie de preâmbulo, somos apresentados a uma série de imagens de arquivos que nos remete ao período ditatorial. Sob essas imagens, ouvimos a narração da cantora e compositora Rita Lee contextualizar e descrever historicamente a época retratada. Além da artista, que é torcedora do clube paulista, diferentes personalidades, como

⁵ BOGADO; ALVES JUNIOR; SOUZA. Um estudo sobre performance, dispositivos de regulação entre formas de vida e formas de imagem no documentário contemporâneo.

⁶ RANCIÈRE. *O desentendimento: política e filosofia*.

o jornalista Juca Kfoury⁷ e o apresentador Serginho Groisman, que também são corinthianos, narram as suas experiências, vivências e medos perante o autoritarismo que assombrava parte da sociedade brasileira.

Logo após a essa contextualização, o diretor estabelece um paralelo entre o ex-presidente e ditador João Figueiredo e o ex-presidente do Corinthians Vicente Matheus. Essa comparação não se deu por acaso: Matheus, que já havia sido presidente do clube anteriormente, concorreu a uma nova eleição, desta vez como vice-presidente na chapa comandada por Waldemar Pires, considerado como uma espécie de laranja de Matheus no comando do clube. A aproximação entre Figueiredo e Matheus é reforçada a partir da inserção de imagens de arquivos em que ambos aparecem juntos (Figs. 1 e 2). À época, o país vivia a expectativa de volta à normalidade democrática, marcada pela abertura “lenta, gradual e segura” e caracterizada pela emergência dos movimentos comunitários e sindicais, liderado, principalmente, pelo então metalúrgico Luiz Inácio Lula da Silva, responsável por comandar as greves dos operários no ABC paulista.



Figs. 1 e 2 - Encontros entre Figueiredo e Matheus. Fonte: *Democracia em preto e branco* (2014).

Waldemar Pires venceu as eleições no Corinthians, e depois de três meses no cargo rompeu com Matheus, tornando-se presidente de “fato”. Em 1981, com a queda do clube para a segunda divisão, um novo diretor de futebol foi contratado: o sociólogo Adilson Monteiro Alves, que a partir do encontro com jogadores como Sócrates, Casagrande, Wladimir, entre outros, mudou a forma de comandar e de

⁷ Em sua autobiografia, intitulada *Confesso que perdi: memórias*, o jornalista dedica um capítulo da obra para falar da sua relação pessoal e profissional com os jogadores do Corinthians, especialmente com Sócrates, e sobre a sua participação na *Democracia Corinthiana*, fato que também será exposto também em *Democracia em preto e branco*.

pensar o futebol, dando não só mais liberdade aos jogadores, como também gestando uma nova forma de participação dos atletas na vida do clube e, sobretudo, na vida política do país. A experiência corinthiana incluía a consulta e a votação dos jogadores sobre as novas contratações do clube, sobre a possibilidade de concentração antes dos jogos e sobre o controle e os destinos de seus corpos e ideias.⁸ De acordo com o pesquisador Augusto Sarmento-Pantoja no artigo “Mais branco do que preto na ditadura militar brasileira: a Democracia Corinthiana, o sindicalismo, a rebeldia e o *rock and roll*”, no qual ele analisa o documentário *Democracia em preto e branco*,

No princípio dos anos 1980 as transformações tanto no Corinthians, quanto no Brasil, estavam a caminho e se faziam paralelas: as da Nação Corinthiana marcadas pelo desejo de afirmação enquanto clube nacional, e, as da nação brasileira, envoltas pelo desejo de realização de eleições diretas para presidente e, conseqüentemente, a afirmação democrática, após o hiato da ditadura. Por isso, entendemos que a melhor leitura sobre esse momento histórico brasileiro se refere ao desejo de liberdade, associada à promessa de abertura para a democracia e de anistia política.⁹

Após revelar as convergências ideológicas entre Monteiro e os jogadores do Corinthians, o diretor, por meio da narração explicativa de Rita Lee, e do uso de material de arquivos advindo de diversas realidades e materialidades, passa a apresentar os líderes de um novo movimento que prometia ser diferente de tudo que já tinha sido experimentado pelo futebol brasileiro. Sócrates (Fig. 3)¹⁰ nos é apresentado como o principal jogador, embora também tenha sido médico, optou em continuar no esporte, como ressalta o presidente Lula, corinthiano e um dos entrevistados do documentário. O lateral esquerdo Wladimir (Fig. 4), ocupa um lugar importante no time: ele se coloca como um líder sindical que encara o futebol como um trabalho como qualquer outro – e que tem Zumbi como uma de suas referências da vida, especialmente como um homem negro. Casagrande (Fig. 5), com apenas 19 anos, completa o trio. Fugindo do senso comum, que até certo ponto cristaliza a figura do jogador como alienado dos problemas sociais do país,

⁸ SÓCRATES; GOZZI. *Democracia Corinthiana: a utopia em jogo*.

⁹ SARMENTO-PANTOJA. Mais branco do que preto na ditadura militar brasileira, p. 44.

¹⁰ Personagem de diversos documentários brasileiros sobre futebol, Sócrates também é protagonista de um dos episódios da série documental francesa *Os rebeldes do futebol* (Gilles Perez e Gilles Rof, 2012).

Democracia em preto e branco retrata os jogadores como sujeitos públicos que perturbam a ordem do sensível ao produzirem cenas e gestos políticos, que têm por finalidade inserir os “sem-parte”¹¹ na comunidade – seja de afetos ou de sentido, permitindo com isso que eles possam postular a sua participação na coletividade (Fig. 6).



Figs. 3, 4, 5 e 6 - Sócrates, Wladimir e Casagrande e a produção de gestos políticos.
Fonte: *Democracia em preto e branco* (2014).

Ao reivindicarem fazer parte dos debates políticos que emergiam no país no período da redemocratização, Sócrates, Wladimir e Casagrande, que buscavam ser vistos e ouvidos enquanto pessoas capazes de produzir novas sensibilidades sobre o futebol, tinham como intenção criar “novas formas de se apresentar com os outros e diante dos outros”.¹² Se faltava a participação popular nos destinos do país, mesmo durante o processo de abertura, Asbeg nos mostra que a experiência democrática empreendida no clube paulista começava a render frutos importantes para a história do futebol, especialmente para a biografia dos jogadores envolvidos. A emergência desses novos atores políticos, até então privados ou apartados intencionalmente do debate público, os constituem “como sujeitos

¹¹ MARQUES. Cenas de dissenso e a política das rupturas e fraturas na evidência do visível.

¹² MARQUES. Cenas de dissenso e a política das rupturas e [...], p. 219.

políticos, afastando-se de identidades e definições impostas que lhes colocam limites para a participação ao comum”.¹³

Esse movimento de participação nas decisões e destinos do clube, como mencionamos acima, passou a ser intitulado como Democracia Corinthiana. As pesquisadoras Mariana Zuaneti Martins e Heloisa Helena Baldy dos Reis no ensaio “Cidadania e direitos dos jogadores de futebol na Democracia Corinthiana”, definem a experiência gestada pelo clube paulista da seguinte forma:

A Democracia Corinthiana pode ser entendida como elemento de questionamento do autoritarismo e do paternalismo no futebol, na medida em que servia como espaço de contraponto à hierarquização presente na arena esportiva, que impedia que o jogador pudesse comandar a própria vida. [...] Os significados de democracia para os sujeitos da Democracia Corinthiana, estavam subentendidos tanto a partir de uma dimensão mais individual – no caso das “liberdades”, como de não se concentrar antes das partidas; quanto na dimensão coletiva da participação – com relação ao direito à palavra e à opinião, ou mesmo em um caso mais concreto do acesso a alguns direitos trabalhistas.¹⁴

Assim, ao se colocarem na arena pública e terem as suas demandas ouvidas e atendidas, os jogadores criam novas possibilidades de compreensão do futebol enquanto um fenômeno estético-político, pois como defende a pesquisadora Ângela Marques, a partir de uma leitura da obra de Jacques Rancière, a política caracteriza-se

[...] como produção de “cenas de dissenso”, que se constituem quando ações de sujeitos que não eram, até então, contados como interlocutores, irrompem e “provocam rupturas na unidade daquilo que é dado e na evidência do visível para desenhar uma nova topografia do possível” (Rancière, 2008, p. 55). São essas cenas polêmicas que permitem a redistribuição de objetos e de imagens que formam o mundo comum já dado ou a criação de situações aptas a modificar nosso olhar e nossas atitudes com relação ao ambiente coletivo.¹⁵

Outro ponto importante em *Democracia em preto e branco* são as performances públicas e midiáticas dos jogadores, entendida aqui como uma relação ritualística e dissensual, que tem como propósito evidenciar e denunciar “uma

¹³ MARQUES. Cenas de dissenso e a política das rupturas e [...], p. 243.

¹⁴ MARTINS; REIS. Cidadania e direitos dos jogadores de futebol na Democracia Corinthiana, p. 431.

¹⁵ MARQUES. Cenas de dissenso e a política das rupturas e [...], p. 132.

ausência de igualdade em relação aos outros”.¹⁶ Dizemos isso porque os praticantes do esporte são considerados por uma parcela da sociedade como pessoas que pouco se importam com os problemas que atravessam a sociedade. Ao colocar seus corpos em cena, afinal, o país vivia um período de otimismo com a abertura democrática e acreditava-se na possibilidade de eleger o presidente da república através do voto direto, as personagens, enquanto pessoas públicas, fabulam e partilham seus desejos com os espectadores, utilizando os meios de comunicação como uma espécie de dispositivo de regulação capaz de escrever novas formas de vida, possibilitando, assim, a participação desses sujeitos na vida política.¹⁷

O que também nos chama atenção no documentário é a forma como Asbeg lida com os arquivos ao longo do filme. Um bom exemplo disso é quando ele insere imagens dos jogadores no ônibus indo para o estádio, revelando, até certo ponto, as formas de sociabilidade e de convivência entre eles, especialmente em dias de jogos. Nessas imagens é possível observar os atletas cantando e se divertindo, bem como ver Casagrande fumando um cigarro sem precisar esconder dos companheiros de clube e nem da diretoria. A participação do atacante na Democracia Corinthians, que depois de aposentado passou a trabalhar como comentarista esportivo, também foi descrita em *Casão: num jogo sem regras*, uma série documental em quatro episódios exibida pela Globoplay e dirigida por Susanna Lira.¹⁸ Entendemos que em *Democracia em preto e branco*, os arquivos têm a função memorialística importante, já que o arquivo “pode constituir uma base para tentar compreender o que ocorreu a um indivíduo ou a uma sociedade”.¹⁹ Assim, ao desempenhar um papel interrogativo,

[...] os arquivos respondem às questões que lhe são colocadas não por meio de puras escolhas, mas de atualizações parciais, em que ‘objetos’ e ‘referências’ são criados de acordo com o que o arquivo disponibiliza e de acordo com a interrogação a que ele é submetido.²⁰

¹⁶ MARQUES. Cenas de dissenso e a política das rupturas e [...], p. 243.

¹⁷ BOGADO; ALVES JUNIOR; SOUZA. Um estudo sobre performance, dispositivos [...].

¹⁸ Suzanna Lira é também é diretora da série documental *Adriano Imperador* (2022), exibida e produzida pela plataforma de streaming Paramount+. A série conta a história de Adriano, ex-jogador da seleção brasileira e do Flamengo, entre outros clubes.

¹⁹ SEDLMAYER; GINZBURG. Apresentação. A fala do indizível, p. 8.

²⁰ RESENDE. *Microfísica do Documentário*, p. 161.

Entretanto, é importante ressaltar que os arquivos precisam ser colocados em uma ordem narrativa para que eles possam ser compreendidos pelos espectadores do documentário. A pesquisadora Leonor Arfuch escreve que o arquivo pode ser compreendido como: “Um espaço singular atravessado pela temporalidade: constituído no passado se projeta até o porvir. Seu presente é sempre uma construção, visto que é ativado pela leitura, pelas atualizações sucessivas, pela forma do olhar, pela descoberta súbita ou pelo retorno obstinado”.²¹

Além de *Casão: num jogo sem regras*, outros documentários também se debruçam sobre a experiência corintiana, como *Ser campeão é detalhe: Democracia Corinthiana* (Caetano Tola Biasi e Gustavo Forti Leitão, 2012), *Vai!* (Bruno Christofolletti Barrenha, 2021) e *Carta ao Magrão* (2021), também dirigido por Pedro Asbeg. Tanto em *Democracia em preto e branco*, como nos filmes citados acima, é possível perceber a atuação das personagens na cena política, posto que suas performances deslocam os papéis pré-definidos que os jogadores de futebol ocupam no imaginário coletivo. Imersos no desejo de mudar a realidade das coisas, Sócrates, Wladimir e Casagrande passam a se engajar na campanha das Diretas Já. O próprio Corinthians estampou em sua camisa uma frase escrita *Dia 15 vote* (Fig. 7), que significava não apenas um pedido enfático da participação dos torcedores na vida do país, mas, principalmente, um gesto de inseparabilidade da política e do futebol – assim como quando entraram em campo com uma faixa escrita *Ganhar ou perder, mas sempre com democracia* (Fig. 8).



Figs. 7 e 8: Corinthians em prol da democracia Fonte: *Democracia em preto e branco* (2014).

²¹ ARFUCH. A auto/biografia como (mal de) arquivo, p. 371.

Mariana Zuaneti Martins em *Democracia Corinthiana: sentidos e significados da participação dos jogadores*, explica que a chamada Democracia Corinthiana propôs não apenas uma nova forma de gerir e pensar o futebol, mas também uma arrojada campanha de marketing, que tinha como um dos seus principais expoentes o publicitário Washington Olivetto.

Para promover a ideia no marketing no uniforme corinthiano, criando a cultura de estampas comerciais nas camisas, Olivetto criou a ideias de mensagens sociais. Dessa forma, “o anuncio de mensagens cumpria a função de divulgar o espaço nas camisas que poderia ser vendido” (SÓCRATES e GOZZI, 2002, p. 86). Em novembro de 1982, quando o espaço na camisa começava a ser vendido, o Corinthians entrou em campo com a mensagem “No dia 15, Vote”, e o CND (Conselho Nacional do Desporto) fez com que o clube retirasse tal escrito, uma vez que só se poderia transmitir mensagens comerciais e não políticas. De qualquer forma, o apelo pelo espaço deu certo, uma vez que o Corinthians fechou contrato de anuncio com a Bombril.²²

A música também ocupa um lugar de destaque em *Democracia em preto e branco*, mais especificamente o rock brasileiro, como destaca Sarmiento-Pantoja:

Ao assistirmos ao documentário, compreendemos bem a articulação entre futebol e política, desde o uso de determinadas estratégias formais, como a voz off, até a intersecção com as cenas históricas, sem deixar de lado a trilha sonora, na qual o cineasta dá grande atenção e resolve acrescentar um terceiro vértice, a música como parte da reflexão sobre a necessidade de fomentar a liberdade e que durante toda a ditadura civil-militar brasileira teve papel importante na luta contra o autoritarismo, em especial nos anos de 1960 e 1970, a cargo da Música Popular Brasileira (MPB) e da Tropicália.²³

A inclusão de trechos de apresentações de grupos musicais como Barão Vermelho, Ira!, Paralamas do Sucesso, além da própria Rita Lee, busca associar a rebeldia juvenil ao desejo pela liberdade e pela democracia, uma vez que “realizado e consumido por jovens, o rock estabelece uma relação de percepção de mundo no processo de transição política ao qual o país atravessava”.²⁴ Ao propor uma aproximação entre a Democracia Corinthiana e o rock brasileiro produzido naquele momento, Asbeg tem como finalidade mostrar uma convergência política

²² MARTINS. *Democracia Corinthiana: sentidos e significados da participação dos jogadores*, p. 124.

²³ SARMENTO-PANTOJA. Mais branco do que preto na ditadura militar brasileira, p. 50-1.

²⁴ ROCHEDO. BRock: o ensino de História por meio do rock brasileiro nos anos 1980, p. 2.

entre o que acontecia nos gramados e fora dele, especialmente entre jovens músicos de classe média e jogadores profissionais do futebol.

Nos anos de 1980, esse espaço de protesto estava relativamente “vago” e aos poucos foi sendo tomado por um movimento que inicia ainda no final da década de 1970 e ganhará maior intensidade na década seguinte com o rock 80. Esse coletivo musical, produz canções reflexivas acerca da perplexidade diante dos problemas sociais e políticos brasileiros, o silêncio instalado diante do aniquilamento dos movimentos de resistência e a letargia produzida pela censura à cultura brasileira.²⁵

Assim, a partir de um vasto material de arquivo, que inclui fotografias e imagens em movimento, além das entrevistas com os jogadores, políticos, jornalistas e músicos, o diretor atrela a experiência da Democracia Corinthiana à agenda nacional, que tinha naquele momento como principal demanda, a possibilidade de finalmente poder votar para presidente da República depois de 21 anos de ditadura civil-militar. Esse exercício de imaginar uma nova sociedade pós-ditadura é apresentado aos espectadores a partir do futebol, que como já dissemos, é visto por muitos como um esporte em que a política não coabita. Embora a emenda Dante de Oliveira, mais conhecida como Diretas Já, que tinha como objetivo reinstaurar a votação direta para presidente não tenha sido aprovada no Congresso Nacional, a Democracia Corinthiana é lembrada até hoje como um dos principais movimentos de luta pela liberdade e pela democracia brasileira.

A DEMOCRACIA TEM CABELO, BARBA E BIGODE: TODOS OS CORPOS DE AFONSIÑO, PAULO CÉSAR CAJU E NEI CONCEIÇÃO

Sócrates, Wladimir e Casagrande, e os outros jogadores que fizeram parte da Democracia Corinthiana, não foram os únicos atletas a rasurar os lugares comuns destinados aos profissionais do esporte. Em *Barba, cabelo e bigode*, dirigido por Lucio Branco, três ex-jogadores do Botafogo (RJ), Afonsinho, Paulo César Caju e Nei Conceição (Fig. 9), recontam suas trajetórias dentro e fora de campo de jogo. Afonsinho, que também é personagem dos documentários *Passe livre* (Oswaldo Caldeira, 1974), de *A8* (Lucio Branco, 2020) e da música “Meio-campo”, de Gilberto Gil, que assim como Sócrates é médico, foi o primeiro jogador a obter a liberação

²⁵ SARMENTO-PANTOJA. Mais branco do que preto na ditadura militar brasileira, p. 51.

de seu passe na justiça.²⁶ Caju, que é o protagonista do terceiro episódio da trilogia *Futebol* (João Moreira Salles e Arthur Fontes, 1998), usava *black-power*, não só como uma opção estética, mas como um gesto político de afirmação e valorização da cultura e da identidade negra.²⁷ Nei Conceição, meio campo, que foi cortado da seleção brasileira por indisciplina, é estrela do curta *NC5 contra a lei do impedimento* (2019), também de Lucio Branco.



Fig. 9 - Começo no Botafogo: Afonsinho, Nei Conceição e Paulo César Caju.
Fonte: *Barba, cabelo e bigode* (Lucio Branco, 2016).

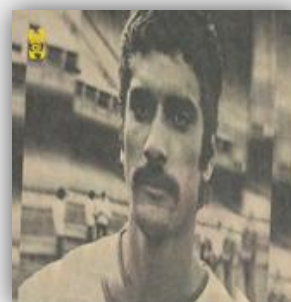
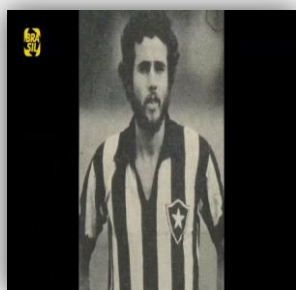
Como em *Democracia em Preto em branco*, os primeiros minutos de *Barba, cabelo e bigode* são dedicados a contextualização do período histórico no qual os ex-jogadores atuaram e viveram e também para a apresentação das personagens. A partir de entrevistas e da utilização de diversos materiais de arquivos, que vão desde fotografias privadas até produções jornalísticas e trechos de jogos e filmes, somos informados sobre o começo da carreira deles e o que eles pensam sobre o futebol e sobre a vida. Os três, assim como Sócrates, Wladimir e Casagrande, embora não sejam contemporâneos dos corintianos, reconfiguram os lugares supostamente destinados os jogadores de futebol, não somente por suas falas, mas

²⁶ Outra coincidência com Sócrates é que Afonsinho também é protagonista de um dos episódios da série documental francesa *Os rebeldes do futebol* (Gilles Perez e Gilles Rof, 2012).

²⁷ De acordo com a pesquisadora Ana Paula da Silva, “o ex-jogador Paulo César Lima foi apelidado “Caju” porque na década de 1970, para homenagear a “raça negra”, pintou o cabelo de “acaju”, segundo ele mesmo conta na sua autobiografia, *Dei a volta na vida* (2006). Atleta polêmico, foi classificado por alguns setores da imprensa esportiva como *bad boy*, título que não aceita de forma alguma, conforme colocou em sua autobiografia. Para ele, seu estilo combativo tinha como função defender os negros jogadores de futebol”. SILVA, *Pelé e o complexo de “vira-latas”*: discursos sobre raça e modernidade no Brasil, p. 152.

também pelo uso de seus corpos como uma forma de expressão que se contrapunha aos padrões vigentes à época, adotando cabelos grandes, barbas e bigodes, um visual considerado subversivo – daí o título da obra, que também pode ser relacionado a uma expressão usada no futebol em referência a um trabalho bem feito dentro de campo, normalmente uma goleada, ou quando um jogador faz três gols em um só jogo.²⁸

Sabendo que estava sendo filmado, o que acentua a performance da personagem, Afonsinho (Fig. 10), já aposentado do futebol, discorre sobre a exploração da mão de obra dos atletas e revela ao diretor que é contrário a existência de concentração antes dos jogos – comparada por ele à tortura, ao cárcere privado e ao controle dos corpos. Nei Conceição (Fig. 11), assim como Wladimir, se via como um trabalhador, e, portanto, como alguém que percebia o futebol como um local de conflitos de classe e de dissenso. Outro ponto que merece destaque em *Barba, cabelo e bigode* é a consciência racial de Paulo César Caju (Fig. 12). O ex-jogador da seleção brasileira elenca uma série de referências fundamentais para a sua formação de homem negro: a filósofa e ex-integrante dos Panteras Negras Angela Davis, o ex-lutador de boxe Muhammad Ali, o ativista do movimento negro Malcolm X, além da *black music* brasileira e americana. Como contraponto a identificação de Caju com os ícones da luta antirracista, o diretor insere uma fala dele, que se liga diretamente a cena anterior, na qual ele crítica a falta de engajamento e letramento racial de Neymar, Ronaldo e Roberto Carlos.



Figs. 10, 11 e 12 - corpos como rebeldia e contestação a ditadura civil-militar.
Fonte: *Barba, cabelo e bigode* (Lucio Branco, 2016).

²⁸ Para saber mais sobre as relações entre rebeldia e futebol, ver: FLORENZANO. *Afonsinho e Edmundo: a rebeldia no futebol brasileiro*.

A pesquisadora Ana Paula da Silva, em *Pelé e o complexo de “vira-latas”:* discursos sobre raça e modernidade no Brasil, recorre a um texto escrito em 2007 pelo ex-jogador Sócrates, e publicado na Revista Carta Capital, para explicar a influência e o encontro, ainda durante os anos de 1970, do craque corintiano com Caju:

Foi nesse período que conheci Paulo César Caju, uma das figuras mais importantes da história do nosso futebol, por ter sido um atleta mítico, um contestador e um exemplo de quem e como são nossos jogadores, com suas fragilidades expostas nas dificuldades em se inserir em uma sociedade exigente, paternalista e racista. Ele e Afonsinho, que lutou como um leão por sua liberdade e independência, afrontando o reacionarismo presente no esporte nacional, são referências de seres que jamais aceitam imposições sem que elas ao menos tenham passado pelo crivo de uma profunda reflexão. Algo que naquele momento da história corintiana acabou por se tornar uma atitude filosófica coletiva e cotidiana.²⁹

É importante ressaltar que os protagonistas do documentário foram profissionais durante os anos de 1960 e 1970, auge da repressão política no país.³⁰ “Em Pra Frente, Brasil!” Do Maracanazo aos mitos de Pelé e Garrincha, a dialética da ordem de desordem (1950-1983)”, o historiador e pesquisador Denaldo Alchorne de Souza, escreve o seguinte sobre a relação do Estado com o futebol:

Em países como o Brasil, o futebol se tornou um objeto de disputas simbólicas entre diferentes atores sociais que possuíam visões distintas de nação e de povo como o Estado, a grande imprensa comercial e os trabalhadores. E o que podemos constatar é que, entre 1950 e 1983, as concepções de identidade nacional, construídas a partir do Estado e da grande imprensa comercial, de um lado, e a dos trabalhadores, de outro, se opunham a partir de um aspecto principal: a disciplina. O Estado e a grande imprensa comercial, apesar de construírem visões de “Brasil” e de “povo brasileiro” múltiplas e sofrerem mudanças significativas através do tempo, viam a disciplina como uma contribuição positiva dos esportes para a consolidação da nação brasileira. Ao contrário, os trabalhadores viam negativamente a disciplina. Preferiam apreciar aspectos do futebol e da identidade nacional que afirmavam noções associadas a ordem e a justiça, mas também ao prazer, a solidariedade e a alegria.³¹

²⁹ SÓCRATES apud SILVA. *Pelé e o complexo de “vira-latas”:* discursos sobre raça e modernidade no Brasil, p. 161.

³⁰ A jornalista Larissa Werneck realizou para o Canal Futura a série em quatro episódios *Jogo duro* (2014), que trata da relação entre a ditadura civil-militar brasileira e o futebol. A produção aborda as campanhas da seleção brasileira nas copas de 1966 até 1982, além de dedicar um episódio para falar da perseguição e da tortura sofrida por Fernando Antunes Coimbra, o Nando, que assim com seus irmãos, Antunes, Zico e Edu, também foi jogador de futebol.

³¹ SOUZA. *Em Pra Frente, Brasil! Do Maracanazo aos mitos de Pelé e Garrincha, a dialética da ordem de desordem (1950-1983)*, p. 279.

O trecho citado acima estabelece uma relação direta com a visão do futebol que os personagens praticavam quando ainda eram profissionais do esporte. Para eles, o futebol é alegria, liberdade e invenção. Não é por acaso que o diretor insere um depoimento de Afonsinho em que ele relembra os conflitos ideológicos com os dirigentes do Botafogo e com o técnico Zagallo, fato que desembocou em sua saída do clube depois de uma batalha judicial, também retratada em *Passe livre*. De maneira perspicaz, a personagem critica a forma de gestão do futebol profissional, expondo publicamente um desentendimento, colocando em jogo outras possibilidades de ver, sentir e experienciar o esporte, atrelando a sua carreira e a sua vida, assim como a de Paulo César Caju e de Nei Conceição, com a história política e cultural do país, como acontece em *Democracia em preto e branco*. Se no documentário de Asbeg a trilha sonora que embalava o país e os jogadores era o rock brasileiro, em *Barba, Cabelo e Bigode*, quem ocupa parte da cena são os Novos Baianos, banda comandada por Moraes Moreira, Luiz Galvão, Pepeu Gomes, Baby do Brasil³² e Paulinho Boca de Cantor, que de tão apaixonados por futebol lançaram um disco chamado *Novos Baianos F. C.*. Afonsinho e Nei Conceição eram figuras carimbadas nas peladas do grupo musical. O bate bola com a música não parou por aí: Caju jogou futebol com grandes astros da música, como Chico Buarque e até Bob Marley, quando o cantor e compositor jamaicano esteve no Brasil.

O que também merece ser destacado em *Barba, Cabelo, e bigode* é a associação entre os aspectos visuais dos ex-jogadores com a rebeldia. O inconformismo com o modelo de futebol praticado no Brasil era visto como sinônimo de indisciplina e subversão, valores supostamente intrínsecos à esquerda. Como relatamos acima, durante a ditadura civil-militar, o futebol foi usado como plataforma política pelo Estado, que via no esporte uma saída possível de construção de uma unidade nacional, em que a seleção brasileira atuava como síntese do espírito de um país que, pelo discurso oficial, ia bem dentro e fora de campo, especialmente depois da conquista da Copa do Mundo de 1970, no México. A relação entre o governo e o futebol também pode ser observada quando o diretor insere um trecho de um cinejornal em que o narrador nos informa que o ditador e

³² À época, a cantora chamava-se Baby Consuelo.

ex-presidente Médici comparece à abertura das Olimpíadas do Exército em 1971, no qual é possível ver jogadores como Tostão, Carlos Alberto Torres e o goleiro Raul.

No plano seguinte, em contraponto à participação dos ex-jogadores em uma competição patrocinada pelo regime militar, o realizador nos mostra o encontro de Afonsinho com Daniel Conh-Bendit, um dos líderes da revolta estudantil francesa, conhecida como Maio de 68. A relação entre as personagens de *Barba, cabelo e bigode* com a política torna-se cada vez mais evidente quando Afonsinho discorre sobre a sua formação intelectual e sobre sua ligação com militantes da esquerda, como o historiador Manoel Maurício de Albuquerque. Por conta da proximidade com Albuquerque, ele nos conta que foi convidado para integrar grupos que combatiam a ditadura civil-militar brasileira a partir da luta armada. Afonsinho acabou escolhendo o futebol como o seu campo de batalha contra ao autoritarismo e à opressão. Assim como Nei Conceição e Caju, Afonsinho não vê o futebol como um jogo qualquer, mas como uma expressão artística e política capaz de mobilizar afetos, uma vez que “o futebol (como tudo na sociedade brasileira) é um veículo para dramatizações de problemas importantes”.³³

O antropólogo Roberto DaMatta, em seu ensaio intitulado “Futebol: ópio do povo x drama de justiça social” defende que “o futebol praticado, vivido e teorizado no Brasil seria um modo específico – entre outros – pelo qual a nossa sociedade fala, apresenta-se, revela-se, exhibe-se, deixando-se descobrir”.³⁴ Portanto, tanto para os ex-jogadores quanto para o pesquisador, o futebol é um meio fundamental de identificação, de sociabilidade e de partilha de experiências em comum, em que, em tese, todos os seus admiradores e fãs estão em pé de igualdade, já que torcer para um determinado time independe da classe social a que a pessoa pertence. Em um país marcado estruturalmente pela desigualdade de classe, de raça e de gênero, a prática do futebol profissional, que supostamente permite a mobilidade social entre seus praticantes, possibilita que as diferentes formas de vidas possam atuar e performar,³⁵ especialmente quando se tem acesso aos meios de comunicação de massa, como é o caso das personagens do documentário.

³³ DAMATTA. Futebol: ópio do povo x drama de justiça social, p. 55.

³⁴ DAMATTA. Futebol, p. 55.

³⁵ BOGADO; ALVES JUNIOR; SOUZA. Um estudo sobre performance, dispositivos [...].

Como já dissemos anteriormente, Afonsinho, Paulo César Caju e Nei Conceição atuavam profissionalmente no futebol durante o período da ditadura civil-militar. Caju, que havia sido campeão da Copa do Mundo de 1970 pela seleção brasileira, relembra de quando os jogadores foram obrigados a se encontrarem com Médici na capital federal assim que chegaram ao Brasil vindos do México, país sede do campeonato. A equipe era treinada por Zagallo e tinha no seu elenco jogadores como Pelé, Tostão, Rivelino, Gérson e Jairzinho, entre outros craques. Sob o som de coturnos, que nos remete a época em que a Confederação Brasileira de Desporto (CBD) e a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) era comandada por militares, Caju nos revela que a sua ausência no Mundial de 1978 se deu por conta de uma briga com o Almirante Heleno de Barros Nunes, ex-presidente da CBF. A fala de Caju deixa evidente a cooptação do futebol pelo governo militar. Ao expor publicamente a relação de atrito entre ele e os dirigentes do esporte no país, o ex-jogador provoca rasuras sobre o sensível, visto que:

[...] o dissenso promove uma forma de resistência expressa em um processo de subjetivação política que começa com o questionamento do que significa “falar” e ser interlocutor em um mundo comum, tendo o poder de definir e redefinir aquilo que é considerado o comum de uma comunidade.³⁶

Embora *Barba, cabelo e bigode* investigue o período em que Afonsinho, Nei Conceição e Paulo César Caju atuavam como jogadores profissionais, o documentário não se furta em estabelecer um paralelo com o presente das filmagens, aproximando-se dos movimentos políticos e sociais que atravessavam o país naquele momento, como as chamadas Jornadas de Junho de 2013 e com do futebol praticado no país, especialmente às vésperas da Copa do Mundo de 2014, classificado por eles como um jogo menos poético e mais burocrático tecnicamente. As críticas das personagens ao futebol jogado no Brasil não se limitam a análise da bola em campo, mas também à estrutura autoritária e arcaica da gestão do esporte, que em parceria com parte da mídia, mantém os jogadores reféns dos dirigentes, que de maneira proposital, buscam apartar os atletas do

³⁶ MARQUES. Comunicação, estética e política: a partilha do sensível promovida pelo dissenso, pela resistência e pela comunidade, p. 26.

debate público. Esse diálogo entre passado e presente, a partir do acionamento das memórias, do uso de arquivos e de músicas, apresenta não só um percurso histórico sobre a prática do esporte no país, mas também um retrato importante das relações entre o futebol brasileiro e a política.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES EM JOGO

Os documentários *Democracia em preto e branco* e *Barba, cabelo e bigode*, se aproximam de uma série de documentários contemporâneos que tomam fatos e acontecimentos pontuais para discutir a história de um país ou de um movimento político e cultural. A análise dos documentários aqui apresentados, buscou compreender como ex-jogadores de futebol, quase sempre considerados sujeitos alheios a vida política brasileira, usam seus corpos, suas ideias e seus nomes para encampar e produzir novas formas de ver, pensar e experimentar o futebol enquanto um instrumento de transformação e de mudança social e política, dentro e fora do campo de jogo. Não é por acaso que tanto a chamada Democracia Corinthiana, e seus principais personagens, quanto o Afonsinho, Nei Conceição e Paulo Cezar Caju são lembrados até os dias atuais, sejam em debates sobre o esporte ou em obras literárias, jornalísticas e audiovisuais que visam discutir as relações entre o futebol, a democracia e a política.

As produções documentais debatidas aqui estabelecem uma conexão não só ao tematizarem as relações entre o futebol e a participação política de ex-jogadores na vida brasileira, mas também por acionarem uma série de materiais de arquivos de diversas origens, como fotografias, trechos de filmes e de jogos, músicas e materiais sonoros dos mais diversos. Embora o nosso interesse tenha se dado mais em compreender a figuração das personagens do documentário – e menos em analisar os aspectos internos da obra, os filmes, que nos ajudam a compreender um determinado período da história do país, apontam para novos estudos sobre a importância de analisar o futebol no documentário brasileiro, sobretudo aqueles que trazem à campo diversas questões que atravessam a nossa sociedade, como o racismo, o machismo, a homofobia, a transfobia e a desigualdade de gênero, por exemplo.

Por fim, é importante ressaltar que de *Democracia em preto e branco e Barba, cabelo e bigode* podem ser pensados como documentos importantes sobre o futebol brasileiro, não apenas por retratarem ex-jogadores que, cada um ao seu modo, rasuraram os lugares comuns destinados aos profissionais do esporte, mas, sobretudo, porque apontam caminhos para a compreensão do jogo como um lugar de disputa por visibilidade e por participação em uma comunidade do comum. De tal modo, os diretores deixam evidente que o futebol é muito mais do que um esporte, mas uma expressão estética e política capaz de revelar as nossas angustias, dilemas e desejos individuais e coletivos. Assim sendo, podemos afirmar que os documentários sobre futebol mobilizam e despertam as nossas emoções, uma vez que nos afetam enquanto sujeitos que se interessam pelo esporte, e, principalmente, enquanto espectador.

* * *

REFERÊNCIAS

- ARFUCH, Leonor. A auto/biografia como (mal de) arquivo. In: SOUZA, Eneida Maria; MARQUES, Reinaldo. (Orgs.). **Modernidades alternativas na América Latina**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- BARBA, CABELO E BIGODE. Direção: Lucio Branco. Brasil. Atacado Produções, 2016. DVD.
- BOGADO, Angelita; ALVES JUNIOR, Francisco; DE SOUZA, Scheilla Franca. Um estudo sobre performance, dispositivos de regulação entre formas de vida e formas de imagem no documentário contemporâneo. In. ALMEIDA, Gabriela; CARDOSO FILHO, Jorge. **Comunicação, estética e política**: epistemologias, problemas e pesquisas. Editora Appris, Curitiba, 2020, p. 265-280.
- DAMATTA, Roberto. **A bola corre mais que os homens**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2006.
- DAMATTA, Roberto. Futebol: Ópio do povo x drama de justiça social. **Novos Estudos CEBRAP**. São Paulo, v. 1, n. 4, p. 54-60, 1982.
- DAMATTA, Roberto. **Universo do futebol**: esporte e sociedade no Brasil. Rio de Janeiro: Edições Pinakothek, 1982.

DEMOCRACIA EM PRETO E BRANCO. Direção: Pedro Asbeg. Brasil. TvZero, 2011. HD.

LORENZANO, José Paulo. **A Democracia Corinthiana**: práticas de liberdade no futebol brasileiro. São Paulo: EDUC-Editora PUC-SP, 2009.

FLORENZANO, José Paulo. **Afonso e Edmundo**: a rebeldia no futebol brasileiro. São Paulo: Musa Editora, 1998.

GASTALDO, Édison. A recepção coletiva de futebol midiaticizado: apontamentos etnográficos. In: JACKS, Nilda; SOUZA, Maria C. J. de. (Org.). **Mídia e recepção**: televisão, cinema e publicidade. Salvador: EDUFBA, 2006, v. 1, p. 122-137.

KFOURI, Juca. **Confesso que perdi**: memórias. São Paulo: Cia das Letras, 2017.

MARQUES, Ângela. Comunicação, estética e política: a partilha do sensível promovida pelo dissenso, pela resistência e pela comunidade. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 22, p. 25-39, 2011.

MARQUES, Ângela. Três bases estéticas e comunicacionais da política: cenas de dissenso, criação do comum e modos de resistência. **Revista Contracampo**, Niterói, v. 26, n. 1, p.126-145, 2012.

MARQUES, Ângela. Cenas de dissenso e a política das rupturas e fraturas na evidência do visível. In: BRASIL, André; MORETTIN, Eduardo; LISSOVSKY, Maurício. (Org.). **Visualidades hoje**. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2013, p. 243-262.

MARTINS, Mariana Zuaneti. **Democracia Corinthiana**: sentidos e significados da participação dos jogadores. Dissertação (Mestrado), Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, 2012.

MARTINS, Mariana Zuaneti; REIS, Heloisa Helena Baldy dos. Cidadania e direitos dos jogadores de futebol na Democracia Corinthiana. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 28, p. 429-440, 2014.

ORICCHIO, Luiz Zanin. **Fome de bola**: cinema e futebol no Brasil. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.

RANCIÈRE, Jacques. **O desentendimento**: política e filosofia. Trad.: Ângela Leite Lopes. São Paulo: Editora 34, 1996.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**: estética e política. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO experimental org. Editora 34, 2005.

RESENDE, Luiz Augusto. **Microfísica do Documentário**: ensaio sobre criação e ontologia do documentário. Rio de Janeiro: Azougue/ FAPERJ, 2013.

ROCHEDO, Aline.. BRock: o ensino de História por meio do rock brasileiro nos anos 1980. **Anais do XV Encontro de História da Anpuh**, São Gonçalo. Rio de Janeiro, p. 1-9, 2012.

SARMENTO-PANTOJA, Augusto. Mais branco do que preto na ditadura militar brasileira: a Democracia Corinthiana, o sindicalismo, a rebeldia e o *rock and roll*. **FuLiA/UFMG**, Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, v. 4, p. 42-65, 2019.

SEDLMAYER, Sabrina; GINZBURG, Jaime. Apresentação. A fala do indizível. In: _____. (Orgs). **Walter Benjamin: rastro, aura e história**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012, p. 7-12.

SILVA, Ana **Paula da. Pelé e o complexo de “vira-latas”**: discursos sobre raça e modernidade no Brasil. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, 2008.

SÓCRATES; GOZZI, Ricardo. **Democracia Corinthiana: a utopia em jogo**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

SOUZA, Denaldo Alchorne de. **Em Pra Frente, Brasil!** Do Maracanazo aos mitos de Pelé e Garrincha, a dialética da ordem de desordem (1950-1983), São Paulo: Intermeios; Fapesp, 2018.

SOUZA, Scheilla Franca de; CARDOSO FILHO, Jorge. A ‘Morada’ como constelação e encruzilhada: estética e política em experiências audiovisuais. **Revista Mídia e Cotidiano**, Niterói, v. 16, p. 43-65, 2022.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio: o futebol e o Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

* * *

Recebido em: 31 jul. 2023.
Aprovado em: 16 fev. 2024.